

Diferença de diretrizes entre PT e PDT é alvo de críticas

*Cientistas políticos
acham que o
acordo desfigura o perfil
dos dois partidos*

O eixo da frente dos partidos de esquerda, PT-PDT, segundo especialistas, é uma estranha alquimia com poder explosivo para mudar o perfil e a rota das duas legendas, mas de reduzido impacto eleitoral. “É um acordo esdrúxulo”, comenta o professor da Unicamp Leôncio Martins Rodrigues. Isso porque, segundo ele, o PT surgiu como uma alternativa ao paternalismo do getulismo. Brizola, em contrapartida, considera-se herdeiro político do presidente Getúlio Vargas. “Não existiria essa aliança se não se não fosse a força da candidatura de Fernando Henrique.”

Um dos líderes da frente das esquerdas confirma a tese do cientista político: “A divergência de formação e diretrizes do PT e do PDT colabora para a fragilidade da aliança.” O candidato do PPS à Presidência, Ciro Gomes, também interpreta dessa forma. “Trata-se de uma esquizofrenia”, afirma. “O que Lula e Brizola representam é incompatível e a união entre os dois não cria nada de novo.” O deputado José Genoíno (SP), um dos petistas mais moderados rebate: “O PT é criticado quando não faz aliança e quando faz é atacado porque aí os partidos são divergentes.” Ele ressalta ainda que para fazer coligações é preciso haver diferenças. “Ou então não haveria necessidade de acordo”, argumenta.

Consequências – Mas tudo indica que, de qualquer forma, a aliança será traumática para a máquina petista. Segundo Leôncio, o acerto “desfigurou o perfil habitual” do partido. Na avaliação de Denis Rosenfield, da UFRGS, alguns petistas deverão até absorver uma certa dose do populismo e do nacionalismo pedetista.

Ele lembra ainda que, ao tentar uma aproximação com o centro, o PT estará negociando com o que chama de políticos ressentidos. “O ex-presidente Itamar Franco e Roberto Requião (ambos do PMDB), por exemplo, perderam o controle

de seus partidos.” Até o ex-governador de São Paulo Orestes Quércia, sobre o qual pesam várias denúncias de improbidade administrativa e, por isso, nunca foi bem visto no PT, já manteve conversas com petistas.

Na quinta-feira, em Brasília, o PT retomou as negociações com os setores dissidentes do PMDB. O presidente nacional do partido, José Dirceu, esteve reunido com Itamar e outros líderes dos dois partidos. Os petistas aproveitaram a oportunidade para incentivar a candidatura própria do PMDB, de olho num acordo para um eventual segundo turno.

Do lado do PDT, o sentimento na direção do partido é de que a formalização da frente e a iniciativa de Brizola, que aceitou ficar abaixo de Lula, “garantiu a sobrevivência” do partido, que vinha em rápi-

do processo de esfacelamento. “Brizola deu uma aula de sabedoria”, comemora um dos dirigentes pedetistas.

Pelo menos do ponto de vista da figura de Brizola, Leôncio discorda do trabalhista e cita uma expressão em

latim ao analisar a situação do pedetista: “Capitis diminutio.” Ou seja, Brizola passa a ocupar um espaço reduzido em relação a seu passado político. Para Leôncio, o melhor para seria ele disputar uma vaga ao Senado.

Importância – Coimbra, do Vox Populi, também não vê como Brizola poderá contribuir para a candidatura Lula como candidato a vice. Para ele, o cargo no Brasil, mesmo depois da morte de Tancredo Neves, em 1985, e do impeachment de Fernando Collor em 1991, tem pouco significado em campanha. Ele recorda uma pesquisa feita pelo Vox Populi em 1989, em Juiz de Fora (MG). O levantamento revelou que apenas 15% da população do principal reduto eleitoral de Itamar Franco sabiam que ele era vice na chapa de Collor.

Dentro da frente de esquerda, há quem considera que a chapa Lula-Brizola está invertida. “O vice nunca pode ser mais forte do que o candidato”, alerta um esquerdista. Na sua avaliação, o petista tem maior peso eleitoral, mas é Brizola quem tem mais força política. (H.G.N. e C.D.)

PARA
BRIZOLISTAS,
QUESTÃO É DE
SOBREVIVÊNCIA